

SENTIDOS E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA DE “MULHER” NO MOVIMENTO MARCHA DAS VADIAS

RESISTANCE AND MEANINGS: AN ENUNCIATIVE ANALYSIS OF “WOMAN” IN THE “MARCHA DAS VADIAS” MOVEMENT

Carolina de Paula Machado¹

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira²

Recebimento do Texto: 04/09/2021

Data de Aceite: 01/10/2021

RESUMO: Em contraposição ao discurso machista, surge, em 2011, o movimento *SlutWalk* no Canadá. O movimento passa a acontecer em diversas partes do mundo inclusive no Brasil onde o nome ganha, dentre as diversas traduções, a tradução *Marcha das Vadias*. Diante da resignificação de nomes pejorativos como forma de resistência no movimento, analisaremos o que significa a palavra *mulher* em um enunciado que circulou no movimento no Brasil: *Nem santa, nem puta: Mulher!*. Tomamos como referencial teórico e analítico a teoria da Semântica do Acontecimento buscando compreender tanto o que designa a palavra como seu funcionamento argumentativo no enunciado em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Designação. Argumentação. Acontecimento enunciativo. Marcha das vadias.

ABSTRACT: In contrast to the sexist discourse, in 2011 *The SlutWalk Movement* appears in Canada. This movement has been taking place in different parts of the world including Brazil where it is called *Marcha das Vadias*. Facing the resistance characteristics of this movement by resignifying pejorative words, we intend to analyze what the word *woman* means in an enunciation that circulated within the movement in Brazil: *Neither saint, nor whore: Woman!*. We take as theoretical and analytical reference The Semantics of Event to understand not only what this word means in its context, but also the argumentative functioning from the enunciation.

KEYWORDS: Woman. Designation. Argumentation. Enunciative event. Marcha das Vadias.

1 Professora Adjunta do Departamento de Letras e Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCAR; Coordena a Unidade de Estudos Históricos, Políticos e Sociais da Linguagem.

2 Professora Adjunta da Faculdade de Estudos da Linguagem, do Instituto de Linguística Letras e Artes, da UNIFESSPA; Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT.

Neste texto temos como objetivo analisar o sentido da palavra **mulher** em um enunciado que tem sido utilizado como palavra de ordem no movimento feminista chamado “Marcha das vadias”³. Esse movimento teve origem em 2011, no Canadá, como uma luta contra a visão machista de que as mulheres que são estupradas são as culpadas, pois teriam comportamentos inadequados, como uso de certos tipos de roupas e atitudes que despertam nos homens o desejo sexual, o que os levariam a cometer os estupros. Esse movimento se espalhou por outros países e sua proposta, não perdendo o caráter de luta pelo respeito ao gênero feminino, foi se reconfigurando e se adaptando à realidade social de cada país, em cada espaço de enunciação. No Brasil, os protestos são uma forma de luta contra o machismo, reivindicam o direito à igualdade de gênero, denunciando todo tipo de violência contra a mulher.

No movimento brasileiro, um dos enunciados que circularam como palavra de ordem foi o enunciado “Nem santa, nem puta: mulher!”, referindo-se à condição feminina na sociedade, o que nos possibilita pensar na relação hierarquizada de gêneros homem/mulher – masculino/feminino.

O enunciado acima apresenta para a mulher uma condição que lhe é atribuída em que a ela cabem apenas dois lugares de significação: enquanto “santa” ou enquanto “puta”. Contudo, esse enunciado coloca nessa cena a palavra “mulher” em um terceiro lugar de significação, uma vez que nega a ela os sentidos sócio-historicamente estabelecidos. O espaço de que faz parte esse enunciado é a página da organização da “marcha das vadias”, ou seja, é composto por um conjunto de textos que discutem, questionam a desigualdade de gênero e o lugar de exclusão atribuído à mulher. Nessa direção, interessa-nos compreender: qual sentido está funcionando para a palavra **mulher** nessa relação? Como, nessa relação com **santa** ou **puta**, o nome **mulher** se ressignifica?

Observaremos o sentido do nome *mulher* no contexto da “*marcha das vadias*”, considerando a não transparência dos sentidos, que são afetados pela história de enunciação das palavras que se relacionam com outras no acontecimento da enunciação e pelos lugares a partir dos quais os falantes são agenciados a dizer.

3 Em inglês, SlutWalk. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias#:~:text=A%20Marcha%20das%20Vadias%20ou,em%20diversas%20partes%20do%20mundo. Acesso em: 29/11/2021

A palavra *mulher* no acontecimento da linguagem

Nessas relações históricas e sociais buscamos compreender como o nome **mulher** significa no enunciado “Nem santa, nem puta: mulher!”, pois consideramos que as palavras não significam sempre a mesma coisa, elas mudam de sentido a partir das relações que estabelecem com outras palavras ou expressões nos enunciados em que ocorrem, nos diversos acontecimentos enunciativos. Desse modo, o significado do nome **mulher** representa o que “não ser santa” e “não ser puta” significam, no acontecimento enunciativo da marcha das vadias, no Brasil, dito pelas manifestantes. Ou seja, as palavras produzem sentido no *acontecimento de linguagem*, na *enunciação*, que, conforme Guimarães (2002), se dá na relação do sujeito com a língua e, por isso, devem ser pensadas na relação com a história, com o social e com o político.

Por meio da análise do acontecimento de linguagem, compreendemos o sentido das palavras no espaço social e político em que elas funcionam, o *espaço de enunciação*, que é o lugar de disputa pela palavra, de inclusão e exclusão e de afirmação de pertencimento, de relação entre línguas e sujeitos, de resistência. Assim, o acontecimento do funcionamento da língua se dá nesse espaço de enunciação, quando alguém diz algo (GUIMARÃES, 2018, p. 14). Sendo o acontecimento que agencia o falante que, ao ser agenciado no e pelo funcionamento da língua, se constitui em *Locutor* (L), aquele que diz, sendo agenciado como aquele que diz para alguém, seu *Locutário* (LT), “enquanto tomado no mesmo espaço de enunciação, constituindo uma relação específica no acontecimento” (GUIMARÃES, 2018, p. 55). Ao dizer, o Locutor o faz de um lugar social, o lugar de *alocutor-x*⁴ (al-x), e seu Locutário o faz do lugar social de *alocutário-x* (at-x). Desse modo, os alocutores são constituídos enquanto lugares sociais. Temos, por exemplo: o alocutor-mulher/feminista que diz ao alocutário-machista/religioso e, ao dizer, a partir desses lugares, produz certos sentidos.

É na e pela *cena enunciativa* que se dá o agenciamento enunciativo, no funcionamento da língua, e configura essas relações de *alocução*. Sendo o Locutor o responsável pelo dizer e pela unidade do texto. Contudo, ao dizer o faz de um

4 O “x” representa o lugar social de onde o alocutor e/ou o alocutário estão enunciando.

ou mais lugares sociais, enquanto alocutor-x⁵, conforme está acima. Esse lugar de dizer está em confronto com o Locutor, significando a não unidade e a não intencionalidade de quem diz e o não domínio do que diz (GUIMARÃES, 2018), que é simbólico, sujeito ao real, à incompletude (ORLANDI, 2000, p. 52). Essa disparidade é política e é própria da divisão do falante no acontecimento da enunciação, divisão que constitui o que Guimarães (*idem*) chama de *politopia* da cena enunciativa.

É preciso considerar também, na cena enunciativa, o lugar de dizer, que constitui o *enunciador* (GUIMARÃES, 2002; 2018). O enunciador pode ser individual, coletivo, universal e genérico, por exemplo. Sendo o *enunciador individual* aquele que diz de seu próprio lugar, como “eu”; o *enunciador coletivo* aquele que diz do lugar da coletividade, juntamente com outras vozes, para sustentar um efeito de verdade (2018, p. 62); o *enunciador universal*, aquele que diz do lugar da verdade para todos, como se o que diz fosse incontestável; e o *enunciador genérico*, que é indeterminado, difuso, e sua validade não pode ser considerada para todos. Esse funcionamento, do agenciamento da enunciação, conforme Guimarães (2018, p. 63), constitui a relação de *alocução*.

Em síntese, no agenciamento da enunciação, o falante se divide em *Locutor* (lugar que diz), *alocutor* (lugar social de onde se diz) e *enunciador* (lugar de dizer). A cena enunciativa, que agencia os falantes de uma língua em lugares de enunciação e coloca-os em litígio na própria enunciação, pois “produz a divisão L/al-x” (GUIMARÃES, 2018, p. 63), também estabelece o litígio entre os falantes da língua. Sendo o *falante*, conforme o autor (*idem*, p. 24), “um lugar de enunciação determinado pela relação com a língua, no espaço de enunciação”. Esse espaço de enunciação é, então, constituído pelas línguas e seus falantes, é um espaço político, pois é constituído desigualmente. Conforme Guimarães (2002), o político é o conflito que se instala no centro do dizer, é o espaço de disputa pela palavra, espaço de contradição.

Desse modo, a enunciação se dá pelo funcionamento da língua, enquanto *acontecimento* de linguagem. Acontecimento que funciona porque o seu presente projeta um futuro de interpretações e, por outro lado, tem um passado enquanto memorável, que o faz significar. O passado é tomado enquanto rememoração de

5 A nomenclatura foi modificada no livro mais recente do linguista, *Semântica: Enunciação e sentido* (2018).

enunciações, sendo considerada a sua temporalidade e ainda o real enquanto materialidade histórica.

Nesse sentido, as palavras ou “expressões linguísticas significam no enunciado pela relação que têm com o acontecimento em que funcionam”, com o texto (GUIMARÃES, 2002, p. 5). Sendo o texto compreendido, tal como conceituado por Guimarães (2011, p. 9), como “uma unidade de significação” e caracterizado “não como composto por segmentos, mas como integrado por elementos linguísticos de diferentes níveis e que significam em virtude de integrarem esta unidade. O sentido dos enunciados é produzido por esta relação de integração” (*idem*, ps. 22-23). Conforme esse autor a relação de integração é constituída na enunciação, acontecimento de linguagem, que significa o modo de presença do falante/locutor nos elementos linguísticos dos enunciados.

Para a análise do enunciado “nem santa, nem puta: mulher”, abordamos os *lugares de enunciação*, conforme expusemos acima, a *argumentação*, como apresentaremos a seguir e a *designação*, que apresentaremos abaixo. Tomamos a *argumentação*, conforme abordada nos estudos de Guimarães (2007), que os desenvolve a partir de Ducrot (1981). Segundo Ducrot, a argumentação está na língua e se manifesta na enunciação. Para o desenvolvimento da análise argumentativa, Ducrot (1981; 2008) apresenta os conceitos de *orientação argumentativa*, *classe argumentativa* e *escala argumentativa*. Esses conceitos apresentados por Ducrot são utilizados também por Guimarães, que, além deles, considera, na argumentação, as relações com a constituição histórica dos sentidos. Esses conceitos são fundamentais para o desenvolvimento da análise argumentativa, pois eles nos possibilitam observar a *orientação argumentativa* presente nos textos e os *lugares de enunciação* ocupados pelos sujeitos ao argumentarem em relação ao que é *ser mulher*.

Para Guimarães a análise dos sentidos deve ser desenvolvida também considerando a *designação* das palavras. Conforme Guimarães (2004a, p. 5) a *designação* deve ser considerada a partir da constituição do *Domínio Semântico de Determinação* (DSD) que, é “pensar as palavras nas suas relações com outras palavras”, tendo como unidade de análise os enunciados em que funcionam as palavras pela enunciação. Para isso é preciso considerar que há dois procedimentos fundamentais que constituem a enunciação: a *articulação* e a *reescrituração*

(GUIMARÃES, 2002, 2004, 2007). Esses procedimentos nos permitem: a *articulação* - observar como as palavras significam nas relações de proximidade com outras palavras no texto; e a *reescrituração* - observar como o movimento de uma palavra (retomadas, reescrituras), no texto, afeta os sentidos tanto da própria palavra como de outras palavras e do texto, de modo geral. Desse modo, para apresentar a designação da palavra **mulher** observamos as relações que ela estabelece no enunciado “Nem santa, nem puta: mulher” e com outras palavras, nos acontecimentos enunciativos, estabelecendo o seu DSD.

Diante do exposto, para a realização desse artigo, utilizamos conceitos teórico-metodológicos e analíticos apresentados por Ducrot (1981) e por Guimarães (2002, 2004, 2004a, 2007, 2011, 2018), de acordo com a teoria da Semântica da Enunciação ou do Acontecimento.

A sexualidade e as relações de gênero

Até algumas décadas atrás praticamente não se falava em sexualidade, especialmente na sexualidade feminina. Esse tema foi negado, por um longo tempo, à mulher, tida como modelo ideal, à qual, até final do século XIX, estavam reservados os papéis de procriadora/mãe e de esposa (sem direito a prazer sexual), que assim como Maria, mãe de Jesus, deveria ser pura, santa e, por isso estar afastada do sexo. Quanto ao homem, a condição era bem diferente, a ele era necessário o prazer sexual e permitida a relação com outras mulheres, fora do casamento, uma vez que não podia proporcionar prazer sexual à esposa, mantendo com ela relações sexuais, especialmente, voltadas à procriação. Essas relações na atualidade apresentam uma configuração um tanto diferente, pois, hoje as mulheres buscam equidade em relação ao homem e, para tanto, enfrentam as imposições, não apenas no que se refere à sexualidade, mas também em relação às atividades sociais, políticas e econômicas. Atualmente, as mulheres trabalham em grandes empresas e ocupam muitos, diferentes e importantes cargos, inclusive como chefes de Estado, numa condição bem mais próxima à realidade que antes era possível apenas ao homem, porém, ainda passam por situações discriminadoras.

Ao tratar das relações de gênero na modernidade e de como essas relações têm sido afetadas e transformadas, de acordo com Giddens (1993), é a mulher que

está no centro dessas transformações, pois, é ela que se opõe às convenções, aos modelos tradicionais de relacionamento entre os gêneros e, conseqüentemente, de relações sociais, provocando novas formas de discussão no que se refere à sexualidade, ao amor, ao casamento, à repressão etc.

O autor (*idem*, p. 16) comenta que, diferentemente do que ocorria há algumas décadas, atualmente é comum uma mulher ter muitos amantes antes, depois e até mesmo durante um envolvimento sexual “sério”. Conforme o autor (*ibidem*) sempre houve um pequeno número de mulheres que teve uma variedade sexual e mesmo uma proporção de igualdade com os homens. Mas, ao contrário do homem, que sempre foi considerado “como tendo necessidade de variedade sexual para a sua saúde física. Em geral tem sido aceitável o envolvimento dos homens em encontros sexuais múltiplos antes do casamento, e o padrão duplo após o casamento era um fenômeno muito real” (GIDDENS, p. 16).

No que se refere à sexualidade da mulher, de acordo com o autor (*ibidem*), normalmente as mulheres “têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas e as “mulheres perdidas” só existiram à margem da sociedade respeitável”. Sendo considerada virtuosa a mulher que não cedia à tentação sexual. Nessa direção, considerando as predicções atribuídas atualmente para a mulher, a partir da palavra de ordem “Nem santa, nem puta: mulher!”, apresentada na marcha das vadias, *santa* rememora os sentidos de mulher virtuosa, de mulher pura, de mulher respeitável; por outro lado, *puta*, rememora a mulher perdida, desvirtuada e, até mesmo, a mulher que se prostitui, aquela que, para certos lugares sociais, não mereceria ser respeitada. Trazendo então para o campo da linguagem, vemos que a divisão política de sentidos historicamente construída continua produzindo seus efeitos e dividindo as mulheres segundo sentidos que são moralistas, machistas, religiosos, aos quais, no acontecimento enunciativo da marcha, as mulheres resistem ao se ressignificarem como “mulheres”. Essa divisão é um dos questionamentos apresentados por aqueles que buscam a mudança no comportamento sexual e a igualdade entre os gêneros.

Ao falar de mudança social na relação com o comportamento sexual, Giddens (*ibidem*) apresenta uma pesquisa desenvolvida por Rubin (1989) com pessoas entre 18 e 48 anos, concluindo que nos últimos anos ocorreram muitas mudanças nas relações entre os homens e as mulheres. Conforme o autor,

do ponto de vista dos gêneros masculino e feminino, a “revolução sexual” dos últimos trinta ou quarenta anos não é apenas, ou mesmo primariamente, um avanço neutro na permissividade sexual. Ela envolve dois elementos básicos. Um deles é a revolução na autonomia sexual feminina [...]. O segundo elemento é o florescimento da homossexualidade, masculina e feminina (GIDDENS, 1993, p. 38).

Conforme Giddens (*idem*, p. 17) o mundo se encontra em um momento em que é crescente a igualdade sexual, de modo que “ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento, em relação um ao outro”. Nesse momento, “as mulheres não admitem mais a dominação masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações desse fenômeno. A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades”.

Diante dessas questões, perguntamo-nos, se, do ponto de vista dos sentidos, houve uma ruptura de sentidos nesta dualidade santa ou puta. Do ponto de vista da teoria da Semântica do Acontecimento, perguntamos pelo que significa a palavra *mulher* quando se nega os sentidos de “puta” ou “santa”, que, no espaço de enunciação da língua portuguesa em funcionamento no Brasil, historicamente e socialmente são atribuídos à mulher.

A constituição da Cena Enunciativa

O enunciado “Nem santa, nem puta: mulher!” apresenta duas determinações, o de **santa** e o de **puta**, que são apresentadas numa relação de oposição da seguinte forma: ou a mulher é santa ou a mulher é puta. Conforme vimos acima, ser **santa** remete à virtude, à pureza, à santidade de Maria, enquanto ser **puta**, por oposição, corresponde à impureza, ao desvio, à “mulher perdida”, desvirtuada. Nesse enunciado, essas palavras estão relacionadas à forma como a mulher vive a sua sexualidade.

As palavras **santa** e **puta** estão articuladas pela conjunção “nem” de forma reduplicada. Essa conjunção, nesse caso, expressa uma dupla negação “nem... nem” às alternativas de ou ser **santa** ou ser **puta**, excluindo essas duas

possibilidades. Essa negação traz implícita a afirmação de que **a mulher ou é santa ou é puta**. A essa afirmação é apresentada a negação: “nem santa, nem puta” e uma afirmação (exclamação) posterior: “mulher!”. Desse modo, são excluídos os lugares de **mulher santa** ou de **mulher puta**, e é afirmado o lugar da **mulher** sem caracterizações.

Nesse acontecimento a cena enunciativa apresenta um Locutor (L) agenciado do lugar social de alocutor-feminista-manifestante (al-x)⁶, que afirma a existência da **mulher** sem rótulos. No enunciado “Nem santa, nem puta: mulher!” há uma divisão do Locutor que fala do lugar de enunciador coletivo e que nega a afirmação de um enunciador genérico. Então temos o seguinte:

Enunciador Genérico: (1a) A mulher ou é santa ou é puta.

Por outro lado, há um enunciador coletivo apresentado pela divisão do locutor-feminista-manifestante que nega a afirmação do enunciador genérico e afirma ser mulher:

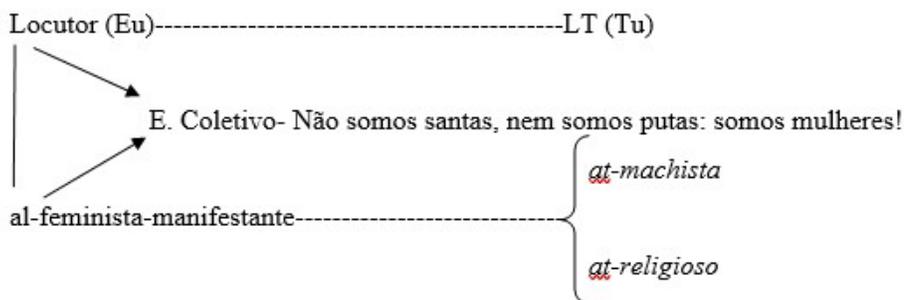
Enunciador coletivo: (1b) Não somos santas, nem somos putas: somos mulheres.

Por essas relações o enunciador-genérico afirma a ocupação do espaço de significação que pode ser o de **santa** ou o de **puta**, negando a existência do lugar da **mulher** sem rótulos. Quanto ao alocutor-feminista-manifestante, ao falar do lugar de enunciador-coletivo, afirma, junto com outras vozes, a existência do sentido de **mulher** sem classificações preestabelecidas, não se limitando a **nem santa, nem puta**. Desse modo, ao dizer com outras vozes, sustentando um efeito de verdade, o alocutor-feminista-manifestante argumenta para o sentido de que à palavra mulher podem e devem ser atribuídos outros espaços/lugares sociais de significação quaisquer.

Ao argumentar, negando a afirmação de um Enunciador genérico, que diz que **ou a mulher é santa ou é puta**, o alocutor-feminista-manifestante instaura os

6 Por ser tratar de um conceito para tratar da representação do sujeito na linguagem e não de uma pessoa, mantivemos a forma no masculino, mas que representa uma forma neutra. Ou seja, tanto homens quanto mulheres, etc podem falar desses lugares sociais.

lugares sociais de Locutário, enquanto aqueles que dizem do lugar que classifica as mulheres, sendo esses: alocutário-machista e do alocutário-religioso, conforme apresentamos na cena enunciativa abaixo:



Por essas relações, o al-feminista-manifestante *apresenta*⁷ o dizer do enunciador-coletivo, no que se refere à verdade da negação a sentidos preestabelecidos e à afirmação de pertencimento a “ser mulher”, junto às demais mulheres. Assim, considerando os sentidos historicamente constituídos para o nome *mulher* e a condição de dominação e submissão imposta à mulher nas e pelas relações sociais, negar esses sentidos preestabelecidos é resistir à imposição e, desse modo, ressignificar o nome *mulher*, estabelecendo para ele o sentido de resistência, não apenas a esses dois espaços, mas a qualquer imposição.

O argumento para a importância de ser *mulher*

O enunciado “Nem santa, nem puta: mulher!”, é formado pela conjunção alternativa **nem** que aparece reduplicada, acompanhando as palavras: **santa e puta**; esse enunciado é finalizado com uma exclamação “mulher!”. De acordo com Ducrot (1987, p. 175) a exclamação é “motivada pela representação do objeto”, nesse caso é o sentido de **mulher** o motivo para se dizer: “Nem santa, nem puta: mulher!”

Nas relações apresentadas nesse enunciado, a conjunção alternativa

⁷ Ver Guimarães, 2018, p. 69

expressa uma dupla negação “nem... nem” às alternativas de ou ser **santa** ou ser **puta**. A conjunção **nem** reduplicada (**nem...nem**) forma os argumentos (p) **nem santa** e (p') **nem puta**, os quais pertencem à mesma classe argumentativa⁸, tendo portanto a mesma força para o locutor e orientando para uma mesma conclusão (r): **mulher!** Desse modo, esse enunciado apresenta uma Orientação Argumentativa indicada pela conjunção **nem**, que aponta para uma conclusão positiva: **ser mulher**. Nessa direção, poder-se-ia concluir que, para **ser mulher**, não se pode **ser santa**, nem **ser puta**. Entretanto, não parece ser esse o caso. Vejamos o que nos diz Ducrot (1981) sobre isso:

se um enunciado p é utilizado por um locutor para sustentar certa conclusão, sua negação (notada ~p) será considerada por esse mesmo locutor como um argumento para a conclusão oposta. Por outras palavras, se p pertence à C.A. determinada por r, ~p pertence à C.A. determinada por ~r (p. 189).

No entanto, segundo Ducrot, há “casos em que a negação tem valor superior ao da frase positiva – construindo um enunciado com valor argumentativo análogo e superior” (1981, p.189). Retomemos aqui o exemplo dado por Ducrot que contesta a lei da negação. Um locutor (l) pergunta a seu amigo se este está satisfeito com o seu carro novo. A esta pergunta, o amigo responde: “Eu não estou satisfeito, eu estou entusiasmado”.

Nesse ponto, é preciso compreender que a negação é o que ele chama de negação metalinguística: a qual nega uma “fala efetiva”, responsabilizando assim outro locutor pela fala positiva (Ducrot,1987, p. 203). E, segundo ele, há casos em que a afirmação e a sua negação (metalinguística) vão no mesmo sentido. “Não estou satisfeito”, significa, nesse caso, “Eu estou mais do que satisfeito”, assim a negação serve, então, para intensificar uma afirmação dita por outro locutor. Nesse caso, tanto a afirmação da satisfação quanto a negação dela, vão em direção ao mesmo sentido, segundo Ducrot.

No enunciado “Nem santa, nem puta: Mulher!”, temos que **nem santa**, **nem puta** se contrapõem às afirmações **é Santa**, **é Puta**, ditas por outros Locutores,

⁸ Segundo Ducrot (1981) “um locutor – entendendo-se por essa palavra um sujeito falante inserido numa situação de discurso particular- coloca dois enunciados p e p' na C.A. determinada por um enunciado r, se ele considera p e p' como argumentos a favor de r” (p. 180).

configurando-se como uma negação metalinguística que nega uma fala efetiva que afirma é Santa, é Puta. Assim, a negação seguida da conclusão **mulher!** nega a enunciação das nomeações estigmatizadoras de **Santa** e de **Puta** ditas por outros Locutores, não negando, necessariamente, os sentidos de puta e de Santa. Desse modo, ser **mulher** não exclui o sentido do que é **ser santa** e do que é **ser puta**, o que é negado é que a **mulher** seja assim caracterizada por outros.

A esses alocutários, quais sejam, o alocutário-machista e o alocutário-religioso, o alocutor-feminista-manifestante argumenta na direção da existência da **mulher** sem rótulos, sem classificações preconceituosas e que pode escolher o que quer ser. Com isso, também é instaurado um *alocutário-mulher*⁹ para quem o alocutor-feminista-manifestante argumenta na direção de que “nós, mulheres, podemos ser o que quisermos” independente das imposições machistas e/ou religiosas.

O efeito da negação incide sobre a enunciação, isto é, o alocutor nega a possibilidade de as mulheres serem nomeadas dessa maneira por outras pessoas (no caso, essas outras pessoas são a representação dos alocutários na cena enunciativa). O alocutor reapropria-se, simbolicamente, de sua “autonomia” em decidir pela sua nomeação e, nessa medida, pelo que significa “mulher”. Trata-se, portanto, no espaço de enunciação da manifestação, de ser agenciado na cena enunciativa e autorizado a dizer constituindo sentidos a si, aos demais membros do movimento “marcha das vadias” e a outros alocutários que se identifiquem ou que se oponham à causa feminista. Desse modo, configura-se então uma resistência não apenas semântica – resistência aos sentidos – mas também enunciativa, através do agenciamento enunciativo, por desconstruir a hierarquização de quem pode dizer. O alocutor-manifestante-feminista inclui-se como aquele que pode dizer e não como aquele que é “dito” por outros.

O(s) sentido(s) de *mulher* na/em marcha

No enunciado “Nem santa, nem puta: mulher!” a relação semântica entre **santa** e **puta** é de oposição, apresentando um sentido

9 Esse alocutário-mulher é aqui entendido como mulheres genéricas, mas, que embora tenham uma posição que não condiz com a do alocutário-machista, também não se manifestam como as feministas.

apreciativo¹⁰ (santa) e um depreciativo (puta) para a mulher. No entanto, como vimos anteriormente, “nem santa, nem puta” são dois argumentos que possuem a mesma força argumentativa com a articulação feita pela conjunção *nem*. Também vimos que a negação serve para negar a enunciação dita por outrem, negando-se as nomeações “santa” e “puta”, afirmando-se a nomeação “mulher”, e assumindo o lugar de poder atribuir outros sentidos para as mulheres.

A questão é que, como a enunciação tem como implícitos os enunciados afirmativos, podemos considerar que santa e puta são reescritas por substituição pela palavra “mulher”, que funciona no acontecimento enunciativo como um hiperônimo de **puta** e de **santa**. Ou seja, os sentidos do que é ser santa e do que é ser puta determinam o sentido de **mulher**, ao mesmo tempo em que *mulher* determina os sentidos de *Santa* e *Puta*. Havendo esta dupla determinação, mulher ao reescrever *santa* e *puta* ressignifica tanto santa quanto puta, excluindo-se o sentido de santidade e o sentido de prostituição.

Nessa relação apresentada no enunciado, o nome **mulher**, dito por outros Locutores, está determinado pelos sentidos da palavra **santa** e da palavra **puta** mesmo que **santa** e **puta** apresentem sentidos contrários. Assim temos o seguinte DSD, se consideramos as outras figuras da cena enunciativa que são representadas no enunciado:

Santa | Mulher | Puta

Além disso, o enunciado “Nem santa, nem puta: mulher!”, ao circular no movimento “Marcha das Vadias”, apresenta uma relação com o nome do movimento. De modo que essa expressão (“marcha das vadias”) faz parte do sentido daquele enunciado e vice-versa. Nessa direção, o nome **mulher** está sendo reescrito por substituição, por **vadia**, numa relação em que **mulher** é determinado por **vadia**, mas enunciado pelos locutores-feministas-manifestantes. Desse modo, ser **mulher** está relacionado ao que ser **vadia** significa. Assim, temos o seguinte DSD para a palavra **mulher**:

10 Os termos “apreciativo” e “depreciativo” estão sendo empregado aqui referindo-se ao modo como esses sentidos em relação ao que é ser “santa” e “puta” são considerados sócio-historicamente.

Vadia
⊥
Santa | Mulher | Puta

Assim, considerando o que vimos na cena enunciativa, a palavra *mulher* é determinada por *vadia*, mas dita de outro lugar enunciativo (de “feminista-manifestante”) no acontecimento enunciativo da Marcha das Vadias, que ressignifica o que é ser *mulher* e, também, *vadia*¹¹.

Algumas considerações

Os sentidos constituídos em torno da palavra mulher no espaço de enunciação da língua portuguesa falada no Brasil, e no movimento “marcha das vadias” mantém as classificações sócio-históricas de santa e puta atribuídas à mulher. Classificações essas que circulam em discursos machistas, religiosos, moralistas, sendo relacionadas ao comportamento sexual da mulher. Estando a palavra **santa** relacionada à pureza, castidade, à imagem religiosa, imprimindo à mulher inclusive o papel de ser mãe, enquanto **puta** carrega sentidos depreciativos, pejorativos. Esses sentidos mantêm para mulher a relação de dominação/submissão social, especialmente ao homem, negando a equidade de gênero.

Como vimos no enunciado analisado, “ser mulher” não exclui o que ser santa ou ser puta significa, pois essas também são possibilidades de sentidos, dentre muitas outras. Contudo, o funcionamento enunciativo analisado inclui para a palavra mulher um sentido de resistência, uma vez que o alocutor-manifestante-feminista questiona as condições preestabelecidas se posicionando na direção da existência de outros espaços e do direito de escolher ocupar o espaço que quiser. Desse modo, a palavra mulher é ressignificada a partir desse movimento de resistência aos sentidos e aos dizeres, pois, ao negar a existência de apenas esses dois sentidos, é afirmada a liberdade da mulher para ocupar outros sentidos e

11 Orlandi (2021) faz uma análise sobre a palavra “vadia”, circulando em faixas na “marcha das vadias”, em que considera que “temos um argumento quando uma formulação faz funcionar um confronto, um deslocamento ideológico” (p. 109). Assim, a palavra vadia tem significados diferentes, produzidos por formações discursivas diferentes e, dita nas condições de produção da marcha, inscreve os sujeitos em outra formação discursiva produzindo o efeito de resistência ao sentido pejorativo quando usada nas faixas do movimento.

outros lugares enunciativos e de poder assumir o direito de falar (sobre si e não ser falada por outros), uma forma de reivindicar equidade.

Referências

DUCROT, Oswald. As escalas argumentativas. In: DUCROT, O. **Provar e dizer:** leis lógicas e leis argumentativas. São Paulo: Global Editores, 1981. 178-228pp.

_____. In **O dizer e o dito**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP, Pontes, 1987. 161-222 pp.

_____. Argumentação e “Topoi” argumentativos. (in.) GUIMARÃES, Eduardo (org.). **História e Sentido na linguagem**. 2.ed. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento:** um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. Bairro: a especificidade de um nome abstrato. (in) MORELLO, Rosângela (org.) **Giros na Cidades:** saber urbano e linguagem. Campinas, SP: LABEURB/NUDECRI - UNICAMP, 2004.

_____. Civilização na Linguística brasileira no século XX. In: **Matraga**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004a.

_____. Domínio Semântico de Determinação (in.) GUIMARÃES, Eduardo e MOLLICA, Maria Cecília (orgs.). **A palavra forma e sentido**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

_____. **Análise de texto:** procedimentos, análises, ensino. Campinas, Editora RG, 2011.

_____. **Semântica:** enunciação e sentido. Campinas: Pontes Editores, 2018.

ORLANDI, **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

_____. Do fato para o Acontecimento (da diferença à resistência). In: **Eu, tu, ele:** discurso e real da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

Imagem apresentada acima disponível em: “**Marcha das vadias**”. <http://www.marchadasvadias.org/categoria/noticias/> Acesso em: 20 Mar. 2014.